

Debate sobre a adesão da Turquia à UE

Após trinta horas de discussões, a União Europeia (UE) aprovou no dia 4 de Outubro um documento que irá dar início formal às negociações de adesão da Turquia à UE. Um documento que foi negociado a vinte seis - os vinte e cinco Estados-membros da União mais a Turquia que ia sendo informada, em tempo real, das várias versões do documento - e que reuniu o acordo geral, após a Áustria ter deixado cair a exigência de substituir a expressão "adesão" por "parceria privilegiada". Também a Turquia cedeu na questão do Chipre, aceitando um cláusula que irá obrigar aquele país a não bloquear a entrada do Chipre para outras organizações internacionais, nomeadamente a NATO.

Reconhecido por todos como um momento histórico para a União e para a Turquia, este é apenas o início de um longo processo que não irá completar-se em menos de uma década. Até lá, espera-se, como referiu o Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, que a Turquia continue os esforços de cumprimento dos critérios relativos à democracia, direitos humanos e estado de Direito.

Esta é, aliás, a expectativa da grande maioria dos cidadãos europeus. Segundo dados do [Eurobarómetro](#), 84% considera que a adesão da Turquia à UE deverá estar condicionada ao cumprimento sistemático dos direitos humanos, enquanto que 76% aponta como critério de adesão a melhoria significativa do nível económico daquele país.

O mesmo estudo revela ainda que a opinião pública europeia reconhece que a Turquia pertence à Europa por razões geográficas (55%) e históricas (42%). No entanto, a maioria dos cidadãos europeus (54%) considera que as diferenças culturais são demasiado grandes para permitir a integração da Turquia no seio da União. Também a percentagem dos que não vêem vantagens na entrada daquele país para a UE suplanta a percentagem daqueles que têm uma opinião contrária: 44%, contra 41%, considera que a Turquia não iria trazer maior compreensão entre os valores europeus e muçulmanos; 45%, contra 38%, pensa que a segurança da região não sairia reforçada; metade dos inquiridos continua céptica quanto aos benefícios que a Turquia traria para o rejuvenescimento da população europeia; e 63% dos europeus acha que a adesão turca irá fomentar a imigração para os países mais desenvolvidos da União.

Muitas dúvidas e receios que estão a marcar a abertura das negociações entre a Turquia e a UE. Urge, portanto, alargar a discussão sobre estas questões. Para tal, o site do IEEI está a convidar vários especialistas a deixarem neste espaço o seu contributo para o debate.

Participe enviando-nos o seu comentário!

Turquia: um parceiro que faz falta

Vítor Martins . Conselho Directivo do IEEI

Em boa hora a UE abriu as negociações de adesão com a Turquia. Se tivesse falhado esse passo, longe de apaziguar os temores sobre o alargamento da UE teria, ao contrário, aprofundado a crise europeia, cavando a desconfiança sobre o futuro do nosso continente e sobre o seu papel no mundo global.

É claro que as negociações têm de ser exigentes e transparentes. A Turquia terá de fazer prova não apenas da sua inequívoca vontade política, mas também da sua capacidade efectiva para assumir por inteiro (nos planos político, económico, social, jurídico e administrativo) as obrigações da integração europeia.

A Turquia tem reconhecidamente um “valor geopolítico” para a UE que não pode, nem deve, ser desconsiderado. E acrescenta também “valor sócio-económico” à UE: é um mercado emergente com um forte potencial de expansão e com interfaces de grande relevância nas zonas que lhe fazem fronteira. A Turquia é uma reserva de crescimento económico da Europa.

A adesão da Turquia – quer pelos aspectos económicos, quer pela vertente política que lhe subjaz – reforçará o peso da UE no mundo global do século XXI. Se a UE, por culpa própria, não for capaz de levar por diante a adesão da Turquia, produzir-se-á um recuo estratégico que diminuirá muito o peso internacional da Europa e afectará a confiança dos europeus no projecto de integração europeia.

Quanto à concorrência acrescida que a Turquia representará, há que lembrar o estatuto de Associado da UE (desde os anos 60) que lhe confere já a participação plena na União Aduaneira com todas as implicações daí decorrentes. E sejamos claros: se a UE não está preparada para enfrentar a concorrência da Turquia então não está preparada para enfrentar a globalização, ou seja, estará a entrar num processo de irreversível definhamento económico e social.

Início de conversações com a Turquia

António Fontes Ramos . General

1. A autonomização da Europa

O rápido desabar do mundo soviético levou a Europa da posição de extremidade Leste do “mundo ocidental”, centrado nos EUA, para a configuração de extremidade Ocidental da vasta Eurásia, ou melhor, para a posição geoestratégica de “Cabo da Ásia” (Pierre Béhar).

Isto é, em poucos meses, a Europa deixou de ser um simples subsistema do “Bloco Ocidental”, unificado pela estratégia militar face à necessidade vital de assegurar a sua defesa própria, para se transformar em qualquer coisa diferente. Uma Europa subitamente reencontrada e em busca do seu destino futuro, perante um espaço asiático que lhe é agora contíguo pela queda do “muro”, num mundo cada vez mais global.

Acolhidos os países da Europa Central e Oriental sob as suas instituições (primeiro da NATO e depois da UE, agora a 25), lançado o Processo de Barcelona e o Diálogo do Mediterrâneo a Sul, importa prosseguir a harmonização estratégica a Leste

2. A harmonização estratégica a Leste

Sobre o flanco Leste e Sudeste a Europa é bordejada por dois mundos. O Eslavo, constituído pela Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. E o Turco, onde se sobrepõem os restos dos Impérios Otomano, Bizantino e do Mundo Muçulmano. Qualquer deles, enquanto cultura de síntese, projectando-se por sua vez, em reverberações profundas, pelos confins da Ásia.

O mundo eslavo através da Sibéria até ao Pacífico. O mundo Turco projectado pelas Repúblicas Turco-Mongois (Tajiquistão, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, e o Quirguistão) através da Ásia Central até à Mongólia Exterior, e pela caixa de ressonância de quase dois biliões de muçulmanos, numa vasta área que vai desde a Mauritânia à Indonésia. E se a Sibéria Russa tem no seu subsolo quase tudo o que faz falta à Europa, a revelação das jazidas de petróleo, de gás natural e de outros recursos minerais nas repúblicas centro asiáticas foi considerada (por Brzezinski) a mais significativa descoberta estratégica do século. Por estas repúblicas correm hoje as vias que ligam as suas fontes de energia às áreas industrialmente mais desenvolvidas do extremo Ocidental e Oriental da Eurásia.

Assim, enquanto a parceria entre as duas margens do Atlântico se mantém indiscutível, mesmo que com altos e baixos, porque baseada em sólidos valores democráticos e interesses económicos indissociáveis (são os maiores parceiros comerciais do mundo e os maiores investidores mútuos), já a harmonização estratégica da Europa com os seus vizinhos a Leste e Sudeste se tornou a questão essencial à definição do seu devir.

Com um PIB semelhante ao dos EUA e representando cerca 1/4 do PIB mundial, a Europa a 25 é hoje um actor global e só pode sobreviver se o continuar a ser. E para isso tem que manter relações com estes mundos. Relações essas cuja natureza e conteúdo vão ditar em boa parte o futuro deles, mas que, por sua vez, se reflectirão fatalmente sobre a própria Europa.

Há aqui contudo uma diferença fundamental. É que enquanto o mundo Eslavo desde sempre se procurou afirmar perante a Europa como parceiro, alternativa ou até muito recentemente como rival, desde 1959 que a Turquia bate às portas da Europa, depois de ter sido, na NATO, mesmo antes dessa data, o mais forte bastião no seu flanco Sudeste.

3. Oportunidade histórica, desafio imenso

Sem dúvida que a Turquia apresenta um capital estratégico importante. Através da sua componente europeia – a Trácia –, apresenta uma presença forte e estabilizadora junto dos Balcãs, onde tem procurado moderar “os ardores” dos que têm procurado remodelar a carta política da região. Pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos constitui a chave de acesso e de circulação entre o Mediterrâneo e o Mar Negro. Conjuntamente com a Grécia, controla o Mar Egeu, e da sua fachada marítima do Sul, supervisa os movimentos no Mediterrâneo Oriental. Pela sua disposição geográfica constitui o flanco Sul das Repúblicas Eslavas (Rússia, Bielorrússia e Ucrânia), posição esta profundamente valorizada durante a guerra fria pela NATO. Confina, através da Síria, do Iraque e do Irão, com o Médio Oriente, onde tem constituído uma força de estabilização considerável e uma barreira ao irredentismo terrorista e à degeneração dos conflitos. A decomposição do mundo soviético que levou à independência das Repúblicas Centro Asiáticas da “rota da seda”, vasta área etnolinguística turca, trouxe-lhe uma nova valia, também estabilizadora, numa zona cobiçada, dotada de recursos imensos. Função esta que a Turquia tem vindo paciente e eficazmente a desenvolver, nomeadamente no quadro da Parceria para a Paz.

Estas são as ferramentas que constituem o activo da Turquia e que muito justamente a sua liderança política tem vindo a evidenciar como sendo úteis para a Europa, “se esta pretender continuar a ser um actor global”.

Porém para que estas ferramentas estratégicas possam assumir plena eficácia, é vital que o complexo processo de negociações seja assumido por ambos os lados como uma oportunidade histórica para que a Turquia coalesça plena e definitivamente na Europa, nos seus valores fundamentais e nas suas normas de vivência social. Que o processo negocial leve à resolução definitiva das questões de Chipre, e da plena integração das minorias (ortodoxas gregas, arménias, curdas e outras) num país democrático plural. Que se mantenha sem tergiversações o primado do Estado laico.

Mas mesmo que estas transformações tenham sucesso pleno, mantêm-se desafios imensos a vencer.

O desafio de absorver um país diverso que irá ter mais habitantes que a Alemanha, mas que dispõem de um RNB/hab que é um terço do desta. O de garantir que este alargamento “big bang” não leve à diluição da UE e à sua “ONUização” por um Conselho de Segurança/Directório a 5 ou 6 grandes, e a uma Assembleia/Conselho proponente, mas sem ímpeto. O de ganhar a confiança dos europeus nas vantagens do processo.

A adesão à UE da Turquia, à luz pura da lógica estratégica, é indubitavelmente útil. Mas será ela possível à luz da realidade do dia a dia? Tem que ser, para que aquela se concretize.

A importância estratégica da adesão turca

A. Rogério Leitão . Professor coordenador da Licenciatura em Relações Internacionais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

A análise, o balanço e o entendimento das relações entre a União Europeia e a Turquia têm necessariamente de basear-se na abordagem das suas múltiplas dimensões – políticas, jurídicas, económicas, sociais, etc. – mantendo-se sempre o axioma de que a Turquia é, e será cada vez mais, um importante parceiro da União, quer esteja dentro, quer esteja nas suas margens político-institucionais.

Assim, a especificidade das relações entre as Comunidades/União Europeia e a Turquia deverá ser realçada, sublinhando-se, paralelamente, não só o facto de a Turquia ter abandonado a ambição (ou veleidade?) de se afirmar como potência regional, mas também, e sobretudo, a dimensão estratégica de tal adesão. Com efeito, se a UE pretende afirmar-se como entidade geopolítica, a integração da Turquia no seu seio permitir-lhe-á, nomeadamente, concretizar, de modo mais eficaz, os objectivos da sua nova Política de Vizinhança, reforçando, assim, a sua capacidade estratégica em relação, sobretudo, ao Cáucaso e ao Médio Oriente. É nessas regiões que a manutenção da paz e da estabilidade é de uma importância decisiva para a defesa de interesses geopolíticos e económicos (p. ex., a luta contra o terrorismo e os interesses energéticos) da União e do Mundo em que vivemos.

Para saber mais

Opinião

[A Turquia e a União Europeia: novos horizontes, mais diversidade \(versão inglesa\)](#)

Álvaro de Vasconcelos, IEEI, Lisboa

Seify Tashan, Foreign Policy Institute, Ancara

Mensur Akgun, Turkish Economic and Social Studies Foundation, Istanbul

[Europa Asiática \(versão inglesa\)](#)
Álvaro de Vasconcelos, IEEI, Lisboa
[Tão longe, tão perto](#)
Noémia Pizarro, IEEI, Lisboa

Imprensa

[Why we should delay opening accession negotiations with Turkey](#), *EUObserver*, 30.9.2005
[Les amours clandestines de Paris et Ankara](#), *Le Figaro*, 3.10.2005
[Turquie: mauvais prétextes](#), Semih Vaner, *Libération*, 3.10.2005

Documentos úteis

[Press release do Conselho da União Europeia sobre a adesão da Turquia](#) 3.10.2005
[Declaração do Presidente da Comissão Europeia na abertura das negociações de adesão com a Turquia](#)
3.10.2005
[Conferência de imprensa do Presidente do Conselho da União Europeia e do Comissário para o Alargamento](#)
3.10.2005
[La Turquie dans l'Union européenne ?](#) Samim Akgönül - Policy Paper do Ifri (Setembro 2005)
[Conclusões do Conselho Europeu](#) (Dezembro 2004)
[Cenários de crescimento para a Turquia e para a UE](#) – Working Paper do CEPS (Dezembro 2004)
[A próxima fase das relações UE-Turquia](#) – Ensaio do Centre for European Reform (Novembro 2004)
[Parecer da Comissão Europeia – Press Release](#) (Outubro 2004)
[Relatório da Comissão Independente sobre a Turquia](#) (Setembro de 2004)
[A Turquia cumpre os critérios de Copenhaga?](#) IEEI (Setembro 2004)